



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

O ESTADO NOVO BRASILEIRO EM “PRIMEIRO DE MAIO”, DE MÁRIO DE ANDRADE

Bruna Otani Ribeiro(UNILA)¹

RESUMO: O conto “Primeiro de Maio”, de Mário de Andrade, inserido no livro *Contos Novos*, que foi produzido entre os anos de 1934 e 1942, embora tenha sido publicado apenas em 1947, postumamente, estabelece uma crítica contundente ao Estado Novo, instituído por Getúlio Vargas no Brasil, em 1937. Nesse estudo, pretende-se, tomando como ponto de partida o contexto histórico/político brasileiro daquela época, analisar quais aspectos do conto evidenciam a crítica em relação ao governo da época e de que forma alguns dos elementos que estruturam o texto narrativo, como tempo/espaço, diegese e personagens, contribuem para a construção de sentido da obra.

PALAVRAS-CHAVE: “Primeiro de maio”, Mário de Andrade, Estado Novo.

RESUMEN: El cuento "Primeiro de Maio", de Mário de Andrade, inserto en el libro *Novos contos*, que fue producido entre 1934 y 1942, aunque sólo se publicó en 1947, a título póstumo, establece una crítica mordaz al Estado Novo establecido por Getulio Vargas en Brasil, en 1937. En este estudio, se pretende, tomando como punto de partida el contexto histórico/político brasileño de entonces, analizar qué aspectos de la historia muestran las críticas al gobierno de turno y de cómo algunos de los elementos que estructuran el texto de la narración, como el tiempo/espacio, diégesis y los personajes, contribuyen a la construcción del sentido de la obra.

PALABRAS CLAVE: "Primeiro de Maio", Mário de Andrade, Estado Novo.

Elementos da narrativa em “Primeiro de maio”

O conto é uma narrativa breve, com enredo, na maioria das vezes, simples e se caracteriza por apresentar de forma muito concentrada a diegese e o tempo/espaço. Aguiar e Silva afirma que "um curto episódio, um caso humano interessante, uma recordação etc, constituem o conteúdo do conto." (1979, p. 346). Nesse sentido, de acordo com Carlos Reis e Ana Cristina Lopes no *Dicionário de Narratologia*, com respeito à estrutura inerente a esse tipo de narrativa:

¹ Professora assistente na UNILA – Universidade Federal da Integração Latino Americana. bruna.ribeiro@unila.edu.br.



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

[...] importa notar que o conto tende à concentração dos eventos: sendo normalmente linear, sem consentir a inserção das intrigas secundárias que o romance admite, a ação do conto baseia precisamente nessa concentração e nessa linearidade a sua capacidade de seduzir o receptor. (REIS; LOPES, 1998, p. 80).

Por isso, faz-se necessário considerar que os elementos da narrativa que, de forma mais acentuada, são atingidos pela reduzida extensão do conto, são a ação, as personagens e o tempo (REIS; LOPES, 1998), tendendo eles para uma concentração bastante intensa, fato que amplifica a significação, já que a extensão para a caracterização desses elementos é muito limitada.

No conto “Primeiro de maio” (1996), a referida concentração da diegese, das personagens e do tempo ocorre, uma vez que, o conto apresenta a personagem 35 como a principal e a narrativa se organiza em função das comemorações do dia primeiro de maio, feriado internacional do dia do trabalho. O tempo da narrativa se restringe a um único dia, o dia primeiro de maio, e a diegese se refere às ações do jovem 35, que trabalha como carregador na Estação da Luz, importante estação ferroviária da cidade de São Paulo.

É relevante destacar que, embora a narrativa tenha o tempo concentrado, desenvolvendo-se em um único dia, tal condensação, aliada ao fato de que os carregadores trabalham no feriado, como se fosse um dia como qualquer outro, evidencia que narrar um único dia ou narrar vários dias não faria diferença, uma vez que os operários trabalham, inclusive, nos feriados.

O jovem 35, gostaria de aproveitar o feriado nacional para comemorar, reunindo-se com demais membros da classe trabalhadora, haja vista que “a Polícia permitiria a grande reunião proletária, com discurso do ilustre Secretário do Trabalho” (ANDRADE, 1996, p. 37), no entanto, os companheiros de trabalho, ao notarem que 35 havia se arrumado, deixando de usar o habitual uniforme naquele dia, debocham dele, dizendo, “viesse trabalhar que era melhor, trabalho deles não tinha feriado” (ANDRADE, 1996, p. 35).

A indiferença dos colegas de trabalho de 35 em relação à exploração à qual estão sujeitos é evidente, uma vez que estes não se importam por ter de trabalhar inclusive no dia do trabalhador, revelando certa ironia, uma vez que esse feriado foi instituído, segundo Galdino (1986), tendo em vista um protesto realizado por trabalhadores em 1886, na cidade de Chicago,



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

nos Estados Unidos, o qual objetivava melhores condições de trabalho e menor exploração da mão de obra.

A ironia se constrói, haja vista que o dia de protesto por condições dignas de trabalho tornou-se o dia de continuar sendo explorado, sem questionamentos, uma vez que, embora o jovem procure, ao se recusar a trabalhar no dia do trabalho, reivindicar seus direitos como operário, ele acaba sendo alvo de deboche e, ao final da narrativa, dando-se por vencido, dado o fracasso da sua empreitada de tentar comemorar a data, ele retorna a Estação da Luz para trabalhar juntamente a seus colegas, desistindo do intuito inicial de comemoração.

Os motivos que levam 35 a desistir de celebrar o que era, anteriormente, por ele considerado um grande dia são diversos, o primeiro deles é o deboche dos próprios colegas de trabalho, que pode ser verificado em vários trechos do conto, como no seguinte fragmento do sexto parágrafo, quando o jovem 35 saúda os colegas: “Chegou lá, gesticulou o bom-dia festivo, mas não gostou porque os outros riram dele, bestas” (ANDRADE, 1996, p. 36).

Em diversos momentos outros carregadores riem da atitude de 35, pois, devido à constante fiscalização proibindo manifestações/reuniões de trabalhadores, os demais carregadores acreditam que a melhor opção para o dia primeiro de maio é, de fato, permanecer trabalhando, situação lamentável, já que revela certa alienação existente em boa parte da classe trabalhadora, que se recusa a protestar por melhores condições de trabalho, simplesmente, seguindo ordens e obedecendo a comandos dados por quaisquer pessoas consideradas superiores por convenções sociais.

No que se refere à fiscalização, fica claro a ocorrência de um intenso policiamento no seguinte trecho:

Tinha, mas era muito polícia, polícia em qualquer esquina, em qualquer porta cerrada de bar e de café, nas joalherias, quem pensava em roubar! nos bancos, nas casas de loteria. O 35 teve raiva dos policiais outra vez (ANDRADE, 1996, p. 36).

A presença de inúmeros policiais, em diversos estabelecimentos, vigiando as ações da população para evitar manifestações de funcionários em busca de melhores condições de trabalho, é mais um dos motivos que leva 35 a perder a vontade de comemorar, afinal, o jovem carregador esperava, nesse dia, poder reunir-se a outros trabalhadores a fim de celebrar, porém,



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

o intenso policiamento impede, inclusive, a aproximação de casais de namorados, como é possível verificar no fragmento a seguir:

O sol brilhante queimava, banco na sombra? Mas não tinha, que a Prefeitura, pra evitar safadez dos namorados, punha os bancos só bem no sol. E ainda por cima era aquela imensidade de guardas e polícias vigiando que nem bem a gente punha a mão no pescocinho dela, trilo (ANDRADE, 1996, p. 37).

Verifica-se, então, que a liberdade dos trabalhadores se encontrava comprometida há algum tempo, visto que qualquer tipo de aproximação, mesmo entre casais de namorados, era reprimida. Tendo em vista o ambiente em que ocorrem os fatos da narrativa, é possível notar a significação que o espaço adquire para a construção da crítica que se faz, por meio do conto, ao Estado Novo brasileiro. O cenário repleto de policias faz com que 35 sintasse angustiado, aprisionado, vigiado o tempo todo. O lugar onde aconteceria o encontro de trabalhadores que havia sido permitido pelas autoridades seria “no magnífico pátio interno do Palácio das Indústrias, lugar fechado!” (ANDRADE, 1996, p. 37).

Os ambiente em que acontecem os fatos remetem à repressão existente durante a Era Vargas, uma vez que são lugares fechados ou, quando abertos, extremamente vigiados. Além, disso, o fato de a cidade estar praticamente vazia pode ser associado ao sentimento de vazio que 35 possui, uma vez que o jovem encontra-se angustiado, à procura de uma razão para ser, o que fica claro no seguinte trecho: “Dia dele... Primeiro quis tomar banho pra ficar bem digno de existir” (ANDRADE, 1996, p. 35), como se, nos demais dias, 35 não fosse digno de viver ou existir.

O sol, também descrito durante a passagem do Jardim da Luz, queimava, destruída, podendo ser visto como algo um tanto quanto opressivo, ou seja, como mais um símbolo de pressão sob 35. Em relação ao espaço, cabe

dizer que a geografia do conto deve estar diretamente relacionada com o drama que lhe serve de motivo: a paisagem *vale* como uma espécie de projeção das personagens ou o local ideal para o conflito, carece de valor em si, está condicionada ao drama em causa; não é pano de fundo, mas algo como personagem inerte, interiorizada e possuidora de força dramática, ao menos na medida em que participa da tensão psicológica entre as personagens. (MOISÉS, 1978, p. 108)



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Compreende-se então, que o espaço em que os fatos da narrativa se desenvolvem não pode ser simplesmente considerado um mero cenário, o sol, os lugares fechados e a ampla presença de policiais fazem com que o espaço constitua-se como o lugar ideal para o desenvolvimento do conflito da narrativa, tornado-se possuidor de força dramática, o que amplia e reforça a crítica feita ao Estado Novo no conto em questão.

Se havia um constante vigiar de ações dos civis diariamente, no dia primeiro de maio, dia em que motins poderiam acontecer no mundo todo, o número de guardas, logicamente, aumentaria de modo considerável, uma vez que o objetivo da administração pública na época era manter a ordem no Estado, evitando manifestações que revelassem o descontentamento da população em relação ao governo e, principalmente, em relação às condições de trabalho.

De acordo com Nelson Verneck Sodré, em *Formação Histórica do Brasil*,

num esquema simplista, a ditadura instaurada por Vargas, em 1937, correspondia a uma tentativa de realizar a revolução burguesa sem o proletariado. Sob a camada que lhe dava fisionomia, atrás da fachada policial, o Estado Novo, realmente buscava compor as novas forças econômicas internas (SODRÉ, 1979, p. 329).

Verifica-se, então, que o objetivo de Vargas, durante o Estado Novo, era compor novas forças econômicas, excluindo de tal processo o proletariado, por isso, foi instituída tão intensa medida repressiva em relação aos trabalhadores, evitando encontros, protestos e manifestações do operariado. O fato de haver tamanha restrição no que diz respeito à reunião ou mera aproximação entre os trabalhadores traz à tona a ideia defendida por Hanna Arendt, em *Origens do totalitarismo*, segundo a autora,

já se observou muitas vezes que o terror só pode reinar absolutamente sobre homens que se isolam uns contra os outros e que, portanto, uma das preocupações fundamentais de um governo tirânico é provocar esse isolamento (ARENDRT, 1989, p. 526).

Em regimes totalitários, fazer com que os indivíduos mantenham-se isolados é uma forma de evitar protestos, rebeliões, revoltas ou simples manifestações que possam ir de encontro aos interesses do grupo que se encontra no poder.



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Dessa forma, durante o período em que vigorou o Estado Novo brasileiro, manter os civis isolados uns dos outros nada mais foi do que uma estratégia, aplicada em outros regimes totalitários, que foi também instaurada no Brasil, com o intuito de Getúlio Vargas manter-se no poder.

Outro motivo que leva 35 a desistir da celebração é o não acontecimento da reunião proletária da maneira que ele esperava, uma vez que havia sido divulgado que a polícia permitiria esse encontro em específico, inclusive com um discurso do Secretário do Trabalho. O simples fato de ter sido divulgado que iria ocorrer um encontro entre trabalhadores pôde ser considerado uma razão para comemorar, tendo em vista que, durante a época do Estado Novo, isso não era algo permitido, no entanto, ao chegar ao local onde ocorreria a reunião e deparar-se com poucos trabalhadores, 35 sente-se inconformado, como é possível verificar na pequena frase: “sentiu-se muito triste, desamparado” (ANDRADE, 1996, p. 39).

Em alguns momentos, 35 pensa que a fome que sente ou o calor causado pelo sol podem ser também razões que fazem com que ele sinta-se triste, contudo, assim que ele se depara com um prato de comida, ao retornar para casa, a fome passa. 35 sente-se aflito, incomodado, angustiado, sem saber ao certo o porquê. Embora 35 quisesse estar livre desses sentimentos, “não podia mais se recusar o estado de infelicidade, a solidão enorme, sentida com vigor” (ANDRADE, 1996, p. 39).

Além disso, outro agravante no que se refere à desistência da comemoração do dia primeiro de maio é o fato de que 35 toma conhecimento, por meio da fala de colegas trabalhadores, dos inúmeros massacres já ocorridos durante protestos de funcionários, como pode ser percebido a partir da leitura do seguinte fragmento:

O 486 então, exaltadíssimo, descrevia coisas piores, massacres horrendos de "proletários" lá dentro, descrevia tudo com a visibilidade dos medrosos, o pátio fechado, dez mil proletários no pátio e os polícias lá em cima nas janelas, fazendo pontaria na maciota (ANDRADE, 1996, p. 39).

Os massacres, o sol, a fome e falta dela, o não acontecimento da reunião da maneira como 35 imaginava, a grande fiscalização por parte dos policiais e o constante deboche dos colegas de trabalho fazem com que 35 sinta-se atormentado e angustiado,



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

levando-o a abrir mão do seu intuito comemorativo do dia primeiro de maio. O desfecho do conto é novamente uma situação irônica, uma vez que 35 não somente desiste de comemorar, além de abandonar a vontade de celebrar, 35 adere ao comportamento dos demais carregadores, antes extremamente condenado por ele, e decide também trabalhar, como se lê no trecho a seguir:

E o 35 inerte, passivo, tão criança, tão já experiente da vida, não cultivou vaidade mais: foi se dirigindo num passo arrastado para a Estação da Luz, pra os companheiros dele, esse era o domínio dele. Lá no bairro os cafés continuavam abertos, entrou num, tomou duas médias, comeu bastante pão com manteiga, exigiu mais manteiga, tinha um fraco por manteiga, não se amolava de pagar o excedente, gastou dinheiro, queria gastar dinheiro, queria perceber que estava gastando dinheiro, comprou uma maçã bem rubra, oitocentão! foi comendo com prazer até os companheiros. Eles se juntaram, agora sérios, curiosos, meio inquietos, perguntando pra ele. Teve um instinto voluptuoso de mentir, contar como fora a celebração, se enfeitar, mas fez um gesto só, (palavrão), cuspiendo um muxoxo de desdém pra tudo (ANDRADE, 1996, p. 41-42).

Após ter feito planos para um dia maravilhoso, 35 percebe que sua intenção de comemorar não é valorizada socialmente, logo, abre mão do plano inicial, rendendo-se ao que propõem os colegas de trabalho, ou seja, indo trabalhar.

Interessante destacar, também, o fato de as personagens serem nomeadas por números. Embora o conto tenha como foco o dia primeiro de maio da protagonista, a história de vida dessa personagem pouco ou nada difere da vida das demais personagens que constituem a classe trabalhadora, uma vez que todos são explorados e estão sendo constantemente vigiados por um governo que cerceava a liberdade da população e, principalmente, reprimia protestos que fossem de encontro ao defendido pelo governo.

O intuito dos administradores públicos que naquela época se encontravam no poder era, além de manter-se enquanto governantes, ter pleno domínio e controle em relação ao comportamento da população, de modo a limitar e até mesmo censurar determinadas ideias que pudessem causar conflitos, tendo em vistas os ideais do grupo dominante.

Uma forma bastante interessante encontrada por governantes para manter o controle em relação à população é a mídia, ou melhor, a manipulação de informações divulgadas pela mídia. Segundo Teixeira Coelho, em *Moderno Pós-moderno*,



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

a televisão tem essa propriedade que é queimar com incrível rapidez as etapas de sua história e colocar-se não apenas a par do gosto do dia como em condições de ditar esse gosto, de impor seu caminho em vez de seguir o tempo todo por trilhas abertas por seus antecessores. (TEIXEIRA, 2001, p. 159)

A afirmação que Teixeira faz em relação à televisão, pode ser estendida aos meios de comunicação de modo geral, no conto de Andrade, o recurso midiático citado é o jornal e, a partir dele, é possível perceber exatamente a referida queima das etapas da história, haja vista que 35 orgulha-se do trabalho que desenvolve por ler sobre a nobreza do trabalho em um jornal. 35 ilude-se e orgulha-se por ser nomeado, em um artigo, como “operário da nação”, o que revela, em relação à população, o poder de persuasão da mídia, que encontrava-se a serviço do governo.

Nota-se que a mídia impõe novos caminhos, não seguindo veredas trilhadas por antecessores, uma vez que as origens do dia primeiro de maio são ignoradas no artigo publicado no jornal lido por 35. O texto sobre o feriado internacional, além de breve, fala apenas sobre a nobreza do trabalho, fazendo surgir em que o lê uma espécie de orgulho por trabalhar. Isso evidencia o fato de que, muitas vezes, a mídia atua única e exclusivamente a serviço dos governantes.

No caso em questão, 35 orgulha-se cegamente pelo trabalho que desenvolve, como se verifica no seguinte fragmento:

Abriu o jornal. Havia logo um artigo muito bonito, bem pequeno, falando na nobreza do trabalho, nos operários que eram também os "operários da nação", é isso mesmo. O 35 se orgulhou todo comovido. Se pedissem pra ele matar, ele matava roubava, trabalhava grátis, tomado dum sublime desejo de fraternidade, todos os seres juntos, todos bons... (ANDRADE, 1996, p. 37).

Durante o Estado Novo, o governo utilizava-se da estratégia de manipular e censurar informações, e tal fato fica evidente quando 35 sente-se lisonjeado por ser um trabalhador, ou seja, por ser explorado, mal remunerado e sequer ter o direito de reunir-se a outros empregados para debater sobre as condições de trabalho. A ação repressiva do governo em relação aos protestos do proletariado pode ser percebida no seguinte trecho do conto:



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

estava escrito em cima do jornal: em São Paulo a Polícia proibira comícios na rua e passeatas, embora se falasse vagamente em motins de tarde no Largo da Sé. Mas a polícia já tomara todas as providências, até metralhadoras, estavam em cima do jornal, nos arranha-céus, escondidas, [...] (ANDRADE, 1996, p. 37).

Verifica-se que as manifestações eram reprimidas, sendo apenas permitidas as ações organizadas pelos sindicatos que haviam passado pela aprovação do Ministério do Trabalho, o que fez com que os sindicatos perdessem força e passassem a servir aos interesses do governo, caso contrário, não eram aprovados pelo Ministério do Trabalho. Logo, 35 é a representação do operariado, e o fato de os operários serem nomeados por números revela o que representavam para o sistema político da época: massa trabalhadora; sendo o jovem 35 apenas mais um para ser explorado.

Recorrendo novamente a Aguiar e Silva (1979), encontra-se a afirmação de que o nome da personagem, normalmente, funciona como um indício, o significante (nome) e o significado (conteúdo psicológico, ideológico etc.) da personagem mantêm uma relação intrínseca. Percebe-se, então, a partir da nomeação atribuída às personagens, que nesse conto projeto estético e ideológico se complementam, haja vista que a estratégia de enumerar ao invés de nomear as personagens da classe trabalhadora evidencia a ideologia de Andrade ao criticar o governo e a exploração da mão de obra trabalhadora.

Considerações finais

O conto “Primeiro de maio”, de Mário de Andrade, ao ser analisado tendo em vista o contexto histórico em que foi produzido, passa a ser visto como uma contundente crítica ao Estado Novo brasileiro, época em que Getúlio Vargas instaurou um regime ditatorial em que o proletariado não tinha espaço para manifestar-se.

O jovem 35, protagonista do conto, possui o intento de celebrar o dia do trabalhador, porém, devido à diversos motivos, como o intenso policiamento e o deboche dos próprios colegas de trabalho, que preferem trabalhar, ele abre mão do objetivo comemorativo e, ironicamente, adere ao comportamento dos colegas de trabalho, indo também trabalhar.



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

O fato de as personagens não manifestarem uma consciência crítica em relação à importância do feriado do dia do trabalhador evidencia a alienação vivenciada pela classe trabalhadora, que não raras vezes, deixa-se ser manipulada pela mídia, que constantemente trabalha servindo a interesses governamentais.

É válido lembrar, ainda, que alguns dos elementos que estruturam o texto narrativo, como tempo/espço, personagens e diegese, ainda que condensados devido à curta dimensão do conto, possuem a significação potencializada, uma vez que, da forma como se apresentam, intensificam a crítica feita ao Estado Novo, evidenciando que o projeto estético vai ao encontro do projeto ideológico.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, V. M. de. *Teoria da Literatura*. 3. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- ANDRADE, M. de. Primeiro de maio. In.: _____. *Contos Novos*. 16. ed. Belo Horizonte: Vila Rica Editoras Reunidas LTDA, 1996.
- ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GALDINO, L. *O Estado Novo*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MOISÉS, M. A *Análise Literária*. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- REIS, C; LOPES, A. *Dicionário de narratologia*. 6. ed. Coimbra: Livraria Almeida, 1998.
- SODRÉ, Nelson Weneck. *Formação histórica do Brasil*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- TEIXEIRA COELHO, J. *Moderno pós-moderno*. 4. ed. São Paulo, SP: Iluminuras, 2001.